

## **VOZES ANCESTRAIS: REPRESENTAÇÃO INDÍGENA NOS LIVROS DIDÁTICOS**

**CYNTHIA CAVALCANTE BERTOLDO<sup>1</sup>**

Graduanda em História na Universidade Estadual da Paraíba.  
email: [cynthia.bertoldo@aluno.uepb.edu.br](mailto:cynthia.bertoldo@aluno.uepb.edu.br)

**PATRICIA CRISTINA DE ARAGÃO<sup>2</sup>**

Profa. Dra. do Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores PPGFP-UEPB.  
email: [patriciaaragao@servidor.uepb.edu.br](mailto:patriciaaragao@servidor.uepb.edu.br)

### **RESUMO**

Nos últimos cinco séculos o Brasil passou pelo processo de colonização, e com isto diversas mudanças ocorreram para construir o país que se conhece hoje. Isto inclui também a modernização dos indivíduos que fazem parte da sociedade, entretanto os povos originários do país em questão em diversas áreas da sociedade são representados como seres do passado, congelados no tempo. A circulação de estereótipos destes povos como exemplo de "vítimas" é demonstrada nas obras literárias, no cinema, nos livros didáticos e nos anos iniciais da educação. O que é uma problemática, pois isto irá fazer com que se fixe a ideia inadequada a respeito sobre estes povos, fazendo assim com que sua história e cultura sejam vistas inadequadamente, ocorrendo assim uma lacuna na formação de uma educação pertinente, que vise formação de discentes, inclusivos a diversidade cultural o objetivo deste artigo que teve como metodologia uma pesquisa bibliográfica é demonstrar a representação dos povos indígenas nos livros didáticos, ressaltando a questão do "congelamento no tempo" que foi encontrado na análise e a importância da lei 11.645/2008 tanto para o meio acadêmico quanto para educação básica por meio de um catalogação de trabalhos feitos desde o ano da lei.

**Palavras-chave:** Brasil; Indígenas; Ensino de História.

### **ABSTRACT**

In the last five centuries, Brazil has undergone the process of colonization, and with it, various changes have occurred to build the country as it is known today. This includes the modernization of individuals within society. However, the indigenous peoples of this country are often represented in various areas of society as beings of the past, frozen in time. The circulation of stereotypes about these peoples as examples of "victims" is evident in literary works, cinema, textbooks, and early education. This is problematic because it reinforces an inappropriate idea about these peoples, causing their history and culture to be misunderstood. This results in a gap in the formation of relevant education that aims to educate students inclusively about cultural diversity. The objective of this article, which employed bibliographic research as its methodology, is to demonstrate the representation of indigenous peoples in textbooks, emphasizing the issue of "freezing in time" found in the analysis, and the importance of Law 11.645/2008 for both the academic environment and basic education through a cataloging of works done since the year of the law.

**Key-words:** Brazil; Indigenous People; History Education.

---

<sup>1</sup> CYNTHIA CAVALCANTE BERTOLDO

Graduanda em licenciatura em História, UEPB. E-mail: [cynthia.bertoldo@aluno.uepb.edu.br](mailto:cynthia.bertoldo@aluno.uepb.edu.br)

<sup>2</sup> PATRICIA CRISTINA DE ARAGÃO

Doutorado em História, UEPB. email: [patriciaaragao@servidor.uepb.edu.br](mailto:patriciaaragao@servidor.uepb.edu.br)



Durante muito tempo na historiografia os povos indígenas foram representados como seres selvagens, ingênuos, e vítimas passivas de um processo de colonização, onde apareciam estar somente a mercê do europeu, o que de fato não é verdade pois além de atuar de forma significativa no período de conquista e colonização, são e foram personagens importantes, pois lutaram para defender sua terra, mas o que acontece ainda hoje é uma representação equivocada da participação destes povos durante muitos períodos, onde são sujeitos a serem considerados seres “congelados no tempo”. (ALMEIDA, 2010).

Este equívoco da historiografia sobre os povos indígenas, tem como base uma visão eurocêntrica baseada em ideias e princípios do europeu que ao ter encontro com o outro o considera “inferior”, “incivilizado”, por não ter costumes parecidos com o seus, e por isto até a atualidade há uma ideia inadequada sobre estes povos, de como já mencionamos estão sujeitos ao colonizador o que é bastante repercutido no ensino básico de educação principalmente pelo livro didático.

Neste sentido, principalmente na educação básica, o livro didático de história se insere como um dos instrumentos principais para auxiliar o docente a orientar o aluno para construir uma boa formação neste ambiente, pois devem em seu contexto transmitir informações, conceitos e habilidades específicas para os alunos que vão de acordo e que tenham como objetivos cumprir as competências gerais das ciências humanas segundo a BNCC (base nacional comum curricular). Na área de ciências humanas uma das competências gerais é “Compreender a si e ao outro como identidades diferentes, de forma a exercitar o respeito à diferença em uma sociedade plural e promover os direitos humanos” (BRASIL, 2018).

Nesta perspectiva, na escola, é fundamental discutir assuntos que ajudem os alunos a desenvolver um pensamento que inclua o respeito à diversidade cultural, de gênero e religiosa. Isso os capacita a conhecer, acolher e valorizar indivíduos de diversos grupos sociais, sem preconceitos.

## REFERENCIAL TEÓRICO

“Sou Pataxó, sou Xavante e Cariri, Ianomani, sou Tupi, Guarani, sou Carajá, sou Pankararu Carijó, Tupinajé, Potiguar, sou Caeté, Ful-ni-o, Tupinambá”. O trecho da música “Chegança” do compositor Antônio de Nóbrega (1997) descreve alguns dos nomes de etnias de povos indígenas e através disto é possível perceber a diversidade de comunidades indígenas que existem, mas, que durante muito tempo na historiografia foram reduzidos ao termo “índio”, nomeação essa que tem caráter inadequado, pois é uma denominação



baseada em equívocos históricos e que reduz e menospreza a diversidade de culturas, línguas e costumes que se tem nas etnias indígenas.

Através desta base historiográfica que se é apresentado para jovens e adultos uma visão eurocêntrica que coloca os povos originários em um papel secundário, sendo muitas vezes nomeados como tolôs; ingênuos e o principal "vítimas" passivas de um processo de colonização, esta ideia é bastante apresentada no âmbito da literatura, nas obras cinematográficas e no livro didático, o que reflete uma ideia incoerente de que os indígenas não participaram do processo de dominação do território lutando por sua cultura, língua e terra que apenas participaram em favor do outro (europeu), o que faz com que se fixe a idealização de um ser superior (europeu) e inferior (indígena) ideia esta que é bastante incentivada no discurso de construção da identidade nacional do Brasil, promovida pelo IHGB onde foi proposto um concurso acadêmico, e que o ganhador para construir a identidade do país foi Karl Philipp, que inicia seu discurso mencionando que o país era composto por três etnias a vermelha (Indígena), negra (Africana) e branca (portuguesa), em nenhum momento relata a origem da mestiçagem, pois ao mesmo tempo que a mostra a anula, enfatizando que o português era capaz de embranquecer a nação, o que ia de acordo com as pretensões da elite. (MONTEIRO, 2014)

Para acompanharmos o percurso das populações indígenas no ensino, elegemos os manuais escolares de História como referencial por serem depositário privilegiado dos conteúdos elencados pelas propostas curriculares [...], além de ser material didático que tem permanecido constante na história das práticas educacionais de diferentes níveis, (BITTERCOURT, 2013, p. 104).

A preocupação no discurso de Philipp era como construir uma identidade se diferenciando de Portugal, mas, sem perder o vínculo, pois Portugal era a ligação entre Brasil e a Europa que era considerada o berço da civilização, e onde o Brasil almejava chegar o que demonstra que havia o objetivo de mostrar o português como um ser superior e que os "inferiores" caberia se adaptar a superioridade do outro.

O seu português era valente, audacioso, combatente, e por isso mesmo deveria ser sempre mostrado de forma favorável, positiva, e representado a partir de quatro tipos ideais: o descobridor (os navegadores), o religioso (os jesuítas), o conquistador (os bandeirantes) e o senhor (os senhores de engenho), amplamente reproduzidos na historiografia local nas décadas seguintes. Indígenas e negros seriam coadjuvantes no processo, capitaneado pelos portugueses. (MONTEIRO, 2014).

As conseqüências deste discurso e de demais representações é o conhecido "Dia do índio onde os alunos nos anos iniciais, se vestem com roupas de caráter indígena, o que era pra ser uma "homenagem" se torna um estereótipo cada vez mais empregado na vida dos



educandos, onde irão reconhecer como indígena apenas o personagem que costumavam se vestir em um dia do ano.

A escola é uma das instituições responsáveis pela veiculação de muitas ideias, imagens, discursos e informações equivocadas a respeito dos índios no Brasil. Ainda é comum na maioria das escolas, principalmente no universo da Educação Infantil, que no dia 19 de abril se comemora o "Dia do Índio", em todos os anos vem se repetindo as mesmas práticas: enfeitam as crianças, pintam seus rostos, confeccionam penas de cartolina e as colocam nas suas cabeças. Remetendo a imagem a discursos pretéritos, folclorizados, homogeneizadores e desinformados sobre os indígenas (SILVA, 2016, p. 51).

A repercussão desta dita "homenagem" irá fazer com que a problemática de estereótipos e preconceitos se permaneça na sociedade, como os vistos no documentário "Índios no Brasil" onde um entrevistado do canal do youtube: RÁDIO E TV UNIVERSITÁRIA RTV (2015) ao ser perguntado o que ele sabe sobre os povos indígenas responde:

"O índio é muito preguiçoso, quer tudo na mão, quer carro, quer trator, quer caminhonete, quer dinheiro, quer remédio, quer médico e produzir nada, eu sou contra o índio".

## **METODOLOGIA**

Desde o período colonial os povos indígenas lutam pelos seus direitos, a começar pelas guerras contra o europeu para defender suas terras, através destes problemas os povos indígenas, conseguiram algumas vitórias uma delas é a lei 11.645 promulgada no ano de 2008 que incluiu como obrigatório o estudo de história indígena na educação básica, entretanto ainda há uma escassez de uma temática indígena que seja explorada de forma pertinente afim de minimizar com os estereótipos que já mencionamos.

Pensando nisto, procuramos neste trabalho analisar a presença indígena, e de forma específica da mulher indígena no livro didático de história tendo como objetivos compreender como a imagem destes povos nos dias atuais está sendo trabalhada para os educandos da educação básica e verificar quantos trabalhos de conclusão de curso de história e pedagogia foram realizados pela universidade Estadual da Paraíba nos campos I e III desde a obrigatoriedade da lei 11.645 implementada em 2008. Analisamos a coleção de livros "História cidadania e sociedade" do autor Boulos (2018). Os livros foram analisados em duas etapas: a primeira é referente a observar a capa e o sumário do livro trabalhado, com o intuito de verificar a existência ou não de capítulos que mencionam em seus títulos questões relacionadas aos povos indígenas; A segunda etapa constitui-se em uma busca digital (tratam-se de materiais em PDF) de palavras-chave como por exemplo "Indígenas" e "Nativos". Para a pesquisa de trabalhos de conclusão de curso fizemos uma busca digital

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao iniciarmos as análises percebemos que nenhuma capa faz menção aos povos indígenas, e que no livro destinado ao sexto ano no capítulo denominado " povos indígenas da América" já há uma excelente desconstrução do estereótipo "índio"(se referindo a ideia de um povo só ), pois ao iniciar o capítulo já se é mencionado que os povos indígenas são 817 mil, divididos em 231 povos,. Entretanto, um tópico que consideramos indispensável e que na coleção ainda está presente é a questão do congelamento no tempo, pois percebemos que o indígena ainda é mostrado no contexto passado, não há uma menção da sua atuação na contemporaneidade. No próximo livro a presença indígena brasileira é mínima sendo apresentados somente na questão da caça ao índio e no bandeirismo onde relatam que lutaram contra este processo o que é pertinente pois com esta menção mostra que lutaram contra o europeu o que foge da questão de passividade que foi mostrada e ainda é em diversas áreas.

Nos últimos livros o indígena aparece na questão da simbologia onde foram colocados na nacionalidade surgindo uma imagem romantizada da população originária, mas com a proclamação da República houve a necessidade de lidar com a questão indígena, levando à criação do Serviço de Proteção aos Índios (SPI). Que tinha como verdadeira prevenção transformar os indígenas em agricultores afastado os de seus hábitos considerados hostis numa tentativa, de integrados ao padrão da sociedade homogênea.

Ao final na análise percebemos ainda uma escassez da presença da literatura indígena da liderança e da mulher indígena no manual didático o único momento em que aparecem é na questão do trabalho que desempenham Atualmente, diversas lideranças indígenas desempenham papéis significativos na defesa dos direitos, na preservação cultural e na busca por sustentabilidade. Nomes como Sônia Guajajara, Ailton Krenak, Raoni Metuktire e Joênia Wapichana são reconhecidos internacionalmente por seu ativismo em prol das comunidades indígenas.

A atuação feminina na historiografia até um certo momento da história sempre foi representada de forma secundária. Além da representação que se é feita da mulher como um personagem inferior, ainda a uma ideia sobre o grupo de mulheres indígenas que durante muito tempo foi repercutida que eram "disponíveis sexualmente". No livro casa grande e senzala de Gilberto Freyre ele quando se refere a mulher indígena é com um teor de pejorativo, estereótipos muito comuns atribuído a estas mulheres.



# CEC

www.estudosdacomplexidade2024.com.br  
estudosdacomplexidade2024@portalrealize.com.br

O europeu saltava em terra escorregando em inda nua, os próprios padres da Companhia precisavam descer com cuidado, senão atolavam o pé em carne. Muitos clérigos, dos outros, deixaram-se contaminar pela devassidão. As mulheres eram as primeiras a se entregarem aos brancos, as mais ardentes indo esfregar-se nas pernas desses que supunham deuses. Davam-se ao europeu por um pente ou um caco de espelho. (FREYRE, 1993).

É através da literatura por exemplo que muitas mulheres indígenas conseguiram seu lugar na sociedade, e por isto através de diversas obras indígenas conseguem resgatar a sua imagem e desconstruir estereótipos que foram construídos. Como um dos indígenas que está neste meio Daniel da etnia munduruku tenta mostrar a diferença de tempo e trabalho entre o europeu e os povos indígenas (KAUSS; PERUZZO, 2012).

Tempo e trabalho não são sinônimos. Trabalho e dinheiro também não. Trabalho não dignifica se ele escraviza. Trabalho demais nos dá tempo de menos. E tempo de menos nos tira a alegria do encontro com os pais, com os filhos, com os amigos. Só o presente é um presente. O futuro é uma promessa que pode nunca chegar. Os indígenas sabem disso (MUNDURUKU, p.50. 2009).

E foi por meio da lei 11.645 / 2008 que se tornou obrigatório o ensino de história indígena na educação básica, o que marca uma conquista para estes povos que durante muito tempo tiveram suas histórias excluídas da historiografia

Inserir-se nesse contexto a promulgação da lei (11.645/2008) que, pretendendo aperfeiçoar a sua antecessora (10.639/2003), acrescentou a obrigatoriedade do ensino de história indígena. Apesar de reconhecermos que a referida lei foi muito mais fruto de uma luta social empreendida seja no campo dos movimentos sociais ou do meio acadêmico, concordamos com a análise de Adriano Paiva que salientou desde a promulgação da supracitada Lei, muitos textos e grupos de pesquisa têm se dedicado a pensar a formação de professores indígenas e a produção de material didático para suas escolas (PAIVA, p.12. 2012). Este esforço relaciona-se com a forma como os indígenas são vistos e entendidos pela produção historiográfica nacional e com o fato de que a produção didática e paradidática de História do Brasil, apesar de todos os progressos no campo acadêmico, ainda colocar o indígena no papel secundário (LAMAS; VICENTE; MAYRINK, p.128. 2016).

Sem dúvidas a obrigatoriedade da lei contribuiu de forma significativa no meio acadêmico contamos desde a promulgação da lei de quinze trabalhos de conclusão de curso com a temática indígena dentre os trabalhos estão os de Oliveira (2022) com o tema "Os povos indígenas no livro didático: traçando percursos no ensino de história" onde Oliveira inicia seu trabalho mencionando a importância dos povos indígenas serem reconhecidos por sua importância na sua história social, cultural e política.



Com Vasconcelos (2013) temos o trabalho intitulado "Entre o olhar das professoras e o livro didático de história: o lugar dos povos indígenas no ensino fundamental" onde Vasconcelos tem como objetivo geral em seu trabalho analisar as visões sobre os povos indígenas nos manuais didáticos de história com a pretensão de verificar a visão do ensino docente sobre os povos indígenas e analisar como a autora do livro representa esta problemática e como os docentes discutem este problema na sala de aula.

No trabalho de Lima (2022) o tema "A literatura indígena no ensino de história: uma proposta metodológica para a sala de aula do ensino fundamental II" onde Lima inicia mencionando que o trabalho discorre sobre a literatura produzida pelos povos originários buscando mostrar como pode ser utilizada no ensino de história, o trabalho foi desenvolvido por meio de uma pesquisa qualitativa de origem bibliográfica.

Através destes trabalhos foi possível verificar a importância de estudar os povos indígenas pois é crucial para compreender a diversidade cultural, preservar o patrimônio histórico e promover a inclusão social, reconhecendo a contribuição significativa dessas comunidades para a riqueza cultural global.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos que a escola e o livro didático desempenha um papel crucial na educação e que a lei 11.645/2008 contribui de forma significativa para representar estes povos, e que com sua promulgação não apenas está a favor de levar uma educação de qualidade aos discentes da educação básica mas também para o meio acadêmico pois com ela foi perceptível construir trabalhos que irão agregar na literatura e educação e que ao abordar a temática indígena de forma a desmistificar estereótipos irá contribuir para a promoção da valorização a diversidade cultural, de gênero e o respeito, o que irá permitir que o aluno obtenha uma formação mais ampla e inclusiva enriquecendo o currículo escolar e promovendo uma visão mais holística do mundo.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. Os índios na história do Brasil. Rio de Janeiro: **Editores FGV**, 2010.

BITTERCOURT, Circe Maria Fernandes. História das populações indígenas na escola: memórias e esquecimentos. Rio de Janeiro: Pallas, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível

em: <[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_-versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf)>. Acesso em 28 de janeiro de 2024.

SILVA, A. C. S. Gênero e etnia: historiografia e mulheres indígenas. 2017.



FREYRE, Gilberto. O indígena na formação da família brasileira. Casa-grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 51ª ed. São Paulo: Global, 2006 (1933), pp. 156-263.

JÚNIOR, Boulos Alfredo. História sociedade & cidadania, 6º ano. **Editora FTD**, São Paulo, 2018.

JÚNIOR, Boulos Alfredo. História sociedade & cidadania, 7º ano. **Editora FTD**, São Paulo, 2018.

JÚNIOR, Boulos Alfredo. História sociedade & cidadania, 8º ano. **Editora FTD**, São Paulo, 2018.

JÚNIOR, Boulos Alfredo. História sociedade & cidadania: 9º ano. **Editora FTD**, São Paulo, 2018.

KAUSS, Vera Lucia Teixeira; PERUZZO, Adreana. A inserção da mulher indígena brasileira na sociedade contemporânea através da literatura. **Espaço Ameríndio**, v. 6, n. 2, p. 32-32, 2012.

LAMAS, Gaudereto Fernando; VICENTE, Braga Gabriel, MAYRINK, Natasha. Os indígenas no livro didático: uma abordagem crítica. In. **Revista Cadernos de Estudos e Pesquisa na Educação Básica**. Recife, 2016.

LIMA, G. V. de. A Literatura Indígena no ensino de história: uma proposta metodológica para a sala de aula do ensino fundamental II. 2022. 35f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2022.

LIMA, L. P. de. Para além do dia do índio uma abordagem da cultura Indígena na educação básica. 2022. 34f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2022.

MONTEIRO, Luíra Freire. Arquitetura da paraibanidade: recursos retóricos dos vistoriadores paraibanos na construção da identidade local. Iniciação científica PRPGP. Campina grande, 2014.

MUNDURUKU, Daniel. Coisas de índio. São Paulo: Callis, 2009.

NÓBREGA, Antônio. Chegança. Álbum: Madeira que cupim não rói. Suporte: (3:58). 1997.

OLIVEIRA, C. F. P. Os povos indígenas no livro didático: traçando percursos no ensino de história. 2020. 27 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História).- Universidade Estadual da Paraíba, Campina grande, 2022.

PAIVA, Adriano Toledo. História indígena na sala de aula. Belo Horizonte: Fino Traço, 2012.

RÁDIO E TV UNIVERSITÁRIA RTV. 2015. Disponível em: <  
[https://www.youtube.com/watch?v=SAM7IazyQc4&ab\\_channel=R%C3%A1dioeTVUniversit%C3%A1ria-RTV%2FUFRR](https://www.youtube.com/watch?v=SAM7IazyQc4&ab_channel=R%C3%A1dioeTVUniversit%C3%A1ria-RTV%2FUFRR)>. Acesso em: 26 de janeiro de 2024.

SILVA, Edson Hely. Os índios na História e o ensino de História: avanços e desafios. In. **Revista História, histórias**. 2016. .

Sobre tempo e trabalho. In: Antologia Indígena. Mato Grosso: INBRAPI. p. 49-50. 2009.

VASCONCELOS, R. F. M. Entre o olhar das professoras e o livro didático de história: o lugar dos povos indígenas no ensino fundamental. 2013. 60f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia)- Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2013.